

Pedro Paulo de Abreu Funari (Org). *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ UNICAMP, 1998, 317 pp. (Coleção Idéias).

Walter Fagundes Morales

Mestrando em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia – USP

A impressão que se tem ao término da leitura do livro organizado por Pedro Paulo de Abreu Funari é de que o organizador teve a necessidade de escolher um título conceitualmente amplo o suficiente para agregar um conjunto de artigos heterogêneos que de outra maneira não poderiam ser reunidos da forma como o foram. O título *Cultura Material e Arqueologia Histórica* cria a expectativa de estarmos diante de uma coletânea em que deveria haver uma correlação maior entre estes dois conceitos, o que na verdade não ocorre. Ao ler a apresentação esta expectativa continua e esperamos estar diante de um livro sobre Arqueologia Histórica, mas o livro é composto de dez textos que abordam variados temas como patrimônio e museologia (Tamanini), tipologia (Garlet & Soares), historiografia (Funari, Silva) e o que o autor chamou de “cultura material contemporânea” (DeNipoti, Arruda, Bresciani, Muniz e Freitas) e aculturação (Allen). Os únicos textos em que se estabelece efetivamente um diálogo entre Cultura Material e Arqueologia Histórica são os trabalhos de Muniz, Allen e Freitas.

Tamanha variedade de assuntos impossibilitou uma análise estrutural da obra como um todo. A ênfase na heterogeneidade e no pluralismo, no diálogo entre Cultura Material e várias áreas do conhecimento, acabou por fazer da Cultura Material o único laço conceitual que une todos os artigos. Optamos então por apresentar cada texto individualmente. O primeiro deles é o do próprio organizador, intitulado “Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano”. Nele Funari discursa sobre como contextos sociais, políticos e ideológicos podem refletir na pesquisa histórica

e arqueológica. Além disso sintetiza a trajetória da Arqueologia na Argentina, Brasil e Uruguai durante as décadas de 1960 e 1970, demonstrando como seu desenvolvimento acabou sendo limitado pelos regimes militares que tomaram o poder. Por fim, conclui que ambas as disciplinas estão iniciando um maior diálogo e que com o tempo a troca de informações entre estes dois campos do conhecimento será fundamental para o desenvolvimento de ambas.

Na sequência temos dois textos em que a imagem é utilizada como fonte de interpretação histórica. O primeiro deles é o artigo de Maria S. Bresciani “Images of São Paulo: aesthetics and citizenship”. Nele a imagem é trabalhada em conjunto com textos e o enfoque está na formação/transformação cultural, social, arquitetônica e das múltiplas identidades e representações coletivas pelas quais a cidade de São Paulo passou ao longo do tempo. Já no ensaio “A cidade e as roupas. Moda e vestuário em imagens fotográficas”, de Claudio DeNipoti, o interesse está em apresentar a relação entre fotografia, moda e o vestuário na sociedade curitibana do final do século XIX e início do XX. Durante esse trajeto faz uma pequena discussão sobre como grande parte dos autores relacionam a moda a determinadas classes sociais e como a fotografia pode auxiliar neste trabalho. Destaca que os figurinos dos fotografados estão atrelados às regras da costura européia divulgadas pela imprensa de época, e que mesmo dentro dessas normas, pode-se perceber que a postura e a pose dos fotografados estavam de acordo com um modelo de sociedade em que homens, mulheres e crianças tinham um papel social a representar.

O quarto trabalho, de autoria de Eliane Silva, intitula-se “O renascimento do oriente no ocidente do século XIX: influências da Cultura Material”. Nele existe a preocupação em demonstrar que as descobertas arqueológicas monumentais do Egito ou da Antigüidade Oriental, com suas estruturas funerárias, textos sagrados e práticas rituais, contribuíram de forma decisiva para estimular um crescente interesse pelo Oculto e pelo Místico na “Cultura Espiritual” ocidental. No entanto a autora considera que esse interesse ocorre em função da transformação espiritual dos indivíduos e

da sociedade, que acabou por criar movimentos “metareligiosos” que, entre outras coisas, influenciaram a formação de novas áreas do saber, e entre estas, a própria Arqueologia.

Já em “Todos os caminhos levam ao Brasil?” de Gilmar Arruda, o olhar do pesquisador recai sobre a atribuição de um papel de destaque à natureza na construção de uma identidade brasileira. Para tanto utiliza-se da comparação da gravura *Floresta brasileira* de Charles-Othon-Jean-Baptiste (1816), do material produzido pelas diversas Comissões Cartográficas criadas no final do século XIX e das fotos do livro *Cidades e sertões* (1941) do Ten. Cel. José de Lima Figueiredo. Para Arruda todos esses trabalhos possuíam uma unidade de sentido e significado, mesmo pertencendo a contextos históricos, geográficos e temporais diversos. O somatório desses contextos está no sentido de criar uma identidade que assuma os contornos de nação. Assim, cada uma delas apresenta a imagem da nação do seu tempo, respectivamente o Brasil natureza, o Brasil sendo mapeado e documentado, e, por fim, o Brasil progresso.

No artigo “Núcleo Pedrinhas – história e imagem”, Silvana C. O. Muniz está interessada em apresentar seu trabalho de mestrado em andamento sobre um núcleo de colonização italiana criado em 1950 pela extinta Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana (CBCII). Para atingir este objetivo emprega como fonte principal o acervo iconográfico da CBCII. O diferencial deste texto com os demais que trabalham com imagens fica por conta da intenção metodológica da autora, que pretende adotar um “olhar arqueológico”. Esse olhar estaria preocupado em interpretar no presente os elementos e os objetos construídos socialmente no passado, ou seja, em um contexto diferente do original e sujeito a diferentes interpretações em função desse fato.

Um dos artigos mais interessantes da coletânea é o trabalho de Scott J. Allen sobre Palmares: “A ‘Cultural Mosaic’ at Palmares? Grappling through with historical archaeology of a seventeenth-century Brazilian quilombo”. O autor recapitula o contexto histórico da formação dos quilombos e sintetiza as pesquisas arqueológicas desenvolvidas na Serra da Barriga para

em seguida discutir as possibilidades do material cerâmico encontrado servir para entender as formas de criação e manutenção da cultura e identidade étnica Palmarina. A principal contribuição deste texto é trazer uma discussão ainda rara na arqueologia brasileira – a de como os artefatos cerâmicos podem servir para caracterizar o contato cultural havido durante o período histórico entre segmentos de diversas origens étnicas.

O mais extenso trabalho do livro fica por conta do artigo “O museu, a Arqueologia e o público: um olhar necessário”, de Elizabete Tamanini. Nele a autora discorre brevemente sobre aspectos da história da formação da Arqueologia e dos museus no Brasil, para em seguida apresentar a relação entre educação, patrimônio, política cultural, o papel dos museus na sociedade e sua relação com o público.

O artigo “Cachimbo Mbyá-Guarani: aportes etnográficos para uma arqueologia Guarani” de Ivori J. Garlet e André L. R. Soares apresenta uma série de características tecnopológicas da confecção destes cachimbo: os tipos de barro empregados, a queima, tempero, formas e tratamento de superfície, instrumentos utilizados e variações na decoração. A intenção dos autores é oferecer subsídios para uma relação entre os cachimbo Guarani arqueológicos com aqueles produzidos pelos Mbyá-Guarani etnograficamente conhecidos.

O trabalho que encerra o livro é o texto “Cultura Material, prática arqueológica e gênero: um estudo de caso”. Nele a autora Luciana Freitas tem como meta trazer novos elementos para as discussões relacionadas à Cultura Material, defendendo principalmente a prática arqueológica, já que para a autora muitos a consideram de pouca utilidade. Para tanto, trabalha teoricamente cultura material e outros conceitos presentes na Arqueologia de Gênero enquanto apresenta a sua pesquisa sobre o uso do espaço no ambiente acadêmico do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP e no interior das residências de um bairro de classe média-baixa da cidade de Campinas.

Embora não seja este um livro sobre Arqueologia Histórica, como o título faz pensar, traz alguns bons artigos sobre esta subdisciplina da Arqueologia que trata “dos aspectos materiais, em termos históricos,

culturais e sociais concretos, dos efeitos do mercantilismo e do capitalismo originário da Europa no século XV e ainda em ação hoje” (Orser, 1992: 131). Por outro lado, ao trazer artigos que se utilizam da Cultura Material para empreender pesquisas em contextos diferentes dos arqueológicos, amplia a visão sobre os estudos de Cultura Material – vista como qualquer vestígio físico da atividade humana.

Bibliografia

ORSER, C. E.

1992 *Introdução à Arqueologia Histórica*, Rio de Janeiro, Oficina de Livros.